HOMENAGEANDO CARLOS STUDART FILHO

PLÁCIDO ADERALDO CASTELO

Foi desejo expresso e reiterado do Governador que neste Palácio se encerrassem, com brilho merecido, as comemorações do octogésimo aniversário de fundação do Instituto do Ceará, que transcorreu no próximo dia 4 de março.

Nessa data estava eu ausente do Ceará, por fôrça de inadiáveis assuntos administrativos, que me levaram ao Sul do País.

Posso assegurar, no entanto, sem que isto represente o clássico apêlo ao lugar-comum, que, de coração e espírito, partilhei, mesmo de longe, da alegria e do orgulho de todos os cearenses, vendo chegar a uma idade longa e abençoada em frutos a mais veneranda instituição da nossa terra — a Casa do Barão de Studart.

Outros recordaram — a mais vagar e oportunamente — a crônica gloriosa do Instituto e dos seus ilustres e eminentes fundadores, o escol da inteligência cearense, há oitenta anos, particularmente a figura imensa e sempre lembrada do seu patrono e grande animador, o Dr. Guilherme Studart. Disseram certamente da gigantesca tarefa empreendida, no decurso da sua existência, por êsse sodalício, que é bem um patrimônio intelectual, não só da Província, mas do Brasil. Falaram ainda dos seus feitos espirituais, os mais brilhantes e acatados, com suas repercussões além das nossas fronteiras nacionais.

Da minha parte, como Governador e cidadão, desejo expressar apenas um grande júbilo pela data que passou e, também, a minha ufania em pertencer, há vários anos, à Casa do Barão de Studart, o que por si constitui título de honra inestimável.

Quis o Govêrno do Estado dar aos oitenta anos do Instituto do Ceará algo que estivesse bem próximo do espírito e da ação dos

seus iniciadores e atuais componentes, com uma acertada homenagem ao seu passado, ao seu presente e mesmo ao seu porvir.

Coube à Secretaria de Administração, pelo seu dinâmico e culto titular, o Dr. Mozart Soriano Aderaldo, êle próprio membro do Instituto, promover, através da Imprensa Oficial do Estado, a reedição, por demais oportuna e valiosíssima, dos três documentos básicos da nossa formação social, enfeixados agora no volume *Três Documentos do Ceará Colonial*, que se vem a constituir no oitavo da Coleção Histórica, publicada sob a responsabilidade do Instituto do Ceará.

Grande é, para nós, cearenses, a significação dêsses três documentos.

O primeiro, a famosa "Relação do Maranhão", célebre relatório do jesuíta Luís Figueira, companheiro do padre Francisco Pinto, na penetração evangelizadora da Ibiapaba, escrito em 1608 ou mais provàvelmente no comêço de 1609, é considerado pelo sábio Thomaz Pompeu Sobrinho, seu magistral intérprete e comentador, não apenas curioso, mas uma verdadeira preciosidade.

O segundo, com introdução e notas magníficas de Raimundo Girão, é a "Relação do Ceará", do punho de Martim Soares Moreno, escrito em 1618, dos mais fascinantes e singelos depoimentos sôbre a manhã do nosso povoamento.

Ambos foram obtidos pelo Dr. Guilherme Studart em seus incansáveis estudos e pesquisas nos arquivos da Europa.

O terceiro, finalmente, revelado pelo ilustre historiador pernambucano, José Hygino Duarte Pereira, que o colheu, em 1886, nos arquivos de Haia, é o "Diário de Matias Beck", que reconstitui a segunda tentativa holandesa de ocupação do nosso território, com uma não menos notável introdução dêsse jovem e brilhante historiador conterrâneo, que é o coronel José Aurélio Câmara.

Tais repositórios, como já foi muito bem salientado, permitem-nos julgar, numa perspectiva de mais de três séculos, "as peculiaridades de que se revestiu, no Ceará seiscentista, o áspero e sangrento contacto do homem branco com a terra que tentava possuir".

Estou certo de que a republicação dêsses notabilíssimos documentos, ora lançados à circulação, é do sumo agrado de quantos compõem o Instituto do Ceará e de quantos amam esta nossa querida e sofredora terra.

Quis ainda o Govêrno do Estado, numa manifestação de seu aprêço ao sodalício octogenário, que a Medalha da Abolição, concedida em minha administração ao Dr. Carlos Studart Filho, velho e querido amigo e Secretário Perpétuo do Instituto, como prêmio à sua extraordinária contribuição para a cultura histórica e científica do Ceará, lhe fôsse hoje solenemente entregue.

A vida de Carlos Studart Filho se confunde, aliás, com grande parte da vida do próprio Instituto, ao qual pertence desde 1928, sendo seu Secretário Perpétuo desde 1960.

É êle um erudito da mesma linhagem de Guilherme Studart e de Thomaz Pompeu Sobrinho, aluno distinto que foi no curso primário, feito no Amazonas, e, depois, no antigo Colégio dos Beneditinos da Serra do Estêvão, assim prosseguindo por quantos estabelecimentos freqüentou — Faculdade de Filosofia e Escola de Altos Estudos do Rio de Janeiro e Colégio Aukentaller, da Suiça. Da mesma forma na Escola de Comércio de Manaus e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1918, obtendo o "Prêmio Gunning", pela sua brilhante tese de doutoramento sôbre História Natural Médica.

Simples acadêmico ainda teria o ilustre cearense o pôsto de capitão da Guarda Nacional da Guarnição do Pará, indício da sua posterior e brilhante carreira militar, a princípio como médico, transferido depois para o quadro do magistério do Exército, onde galgou o elevado pôsto de general-de-divisão.

Relevantíssimos foram os seus serviços à mocidade militar brasileira, como professor do antigo Colégio Militar do Ceará e do Colégio Militar do Rio de Janeiro, e, ainda, da Escola Preparatória de Fortaleza.

Também notáveis foram os seus serviços profissionais na Santa Casa de Misericórdia do Rio e na de Manaus, distinguido, sempre e sempre, ora na Escola de Aplicação do Serviço de Saúde do Exército, ora em cursos feitos com mestres da categoria e reputação de um Duque Estrada e de um Estelita Lins, ao especializar-se em Urologia e Protologia.

Sua dedicação aos temas da História, da Geografia e da Antropologia firmaram definitivamente a sua reputação intelectual, dentro e fora do Ceará, versando em livros, ensaios e numerosos artigos os assuntos de sua especialidade.

São por demais conhecidos e apreciados em todo o País os trabalhos de sua autoria, como *Estudos da História Seiscentista, Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, Os Aborígines do Ceará, O Antigo Estado do Maranhão e Suas Capitanias Feudais* e outros de que me dispenso recordar no momento.

Membro da Academia Cearense de Letras e de várias outras instituições culturais brasileiras, Carlos Studart Filho é, sem dúvida alguma, uma das mais legítimas expressões da inteligência cearense.

Entregando-lhe a Medalha da Abolição, nesta solenidade, presta o Govêrno do Estado merecida homenagem a êsse culto, digno e nobre filho do Ceará, ao mesmo tempo em que homenageia, na sua ilustre pessoa, o sodalício que seu eminente tio ajudou a fundar e de que passou a ser, depois, Nume Tutelar.